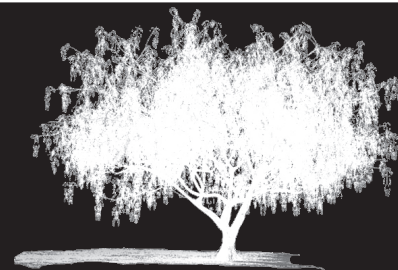


O Pimenteiro

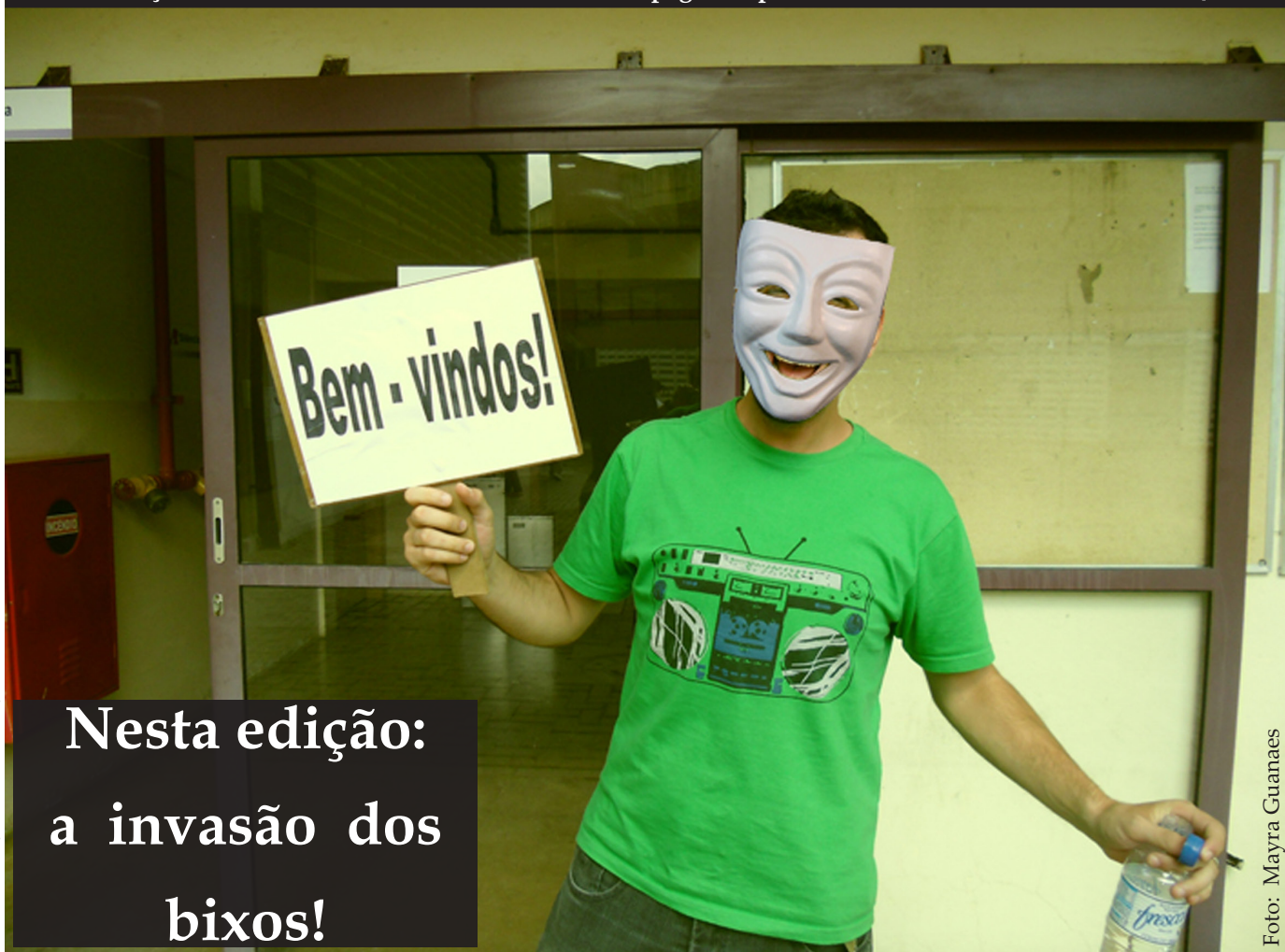


Nº 7

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornalpimenteiro@gmail.com
www.jornalpimenteiro.weebly.com
www.facebook.com/paginadopimenteiro

NÃO JOGUE ESTE JORNAL NA RUA. PASSE PARA OUTRA PESSOA.



**Nesta edição:
a invasão dos
bixos!**

Foto: Mayra Guanaes

Folhetim

Nosso folhetim é baseado em fábulas – cada título é retirado de uma fábula, como as de La Fontaine, Esopo, etc, exceto pelo primeiro, que é o título.

Os trabalhadores e o castelo sem fim

T.A.C. Amaral

Capítulo 7: O fazendeiro e a cegonha

Os ratos, ao ver que os trabalhadores afastados e alguns apoiadores percebiam todo o dano que havia sido causado, começaram a entrar em pânico. Mas não conseguiam mais convencer nem coagir ninguém – as informações estavam chegando, e os ratos não conseguiam mais contê-las.

Os trabalhadores começaram a voltar ao castelo, enfrentando os ratos que guinchavam e exibiam os dentes, mas os ratos, sendo ratos, fugiam ao verem que os trabalhadores não mais se intimidavam e recuperavam seus espaços no castelo.

A destruição era clara. Muito

do que já estava construído havia sido desfeito pelos ratos, mas nada era pior que os abismos criados por eles entre os trabalhadores. Os prédios, os vidros, os assoalhos poderiam ser reconstruídos – com penar, certamente, mas era possível. Mas as relações, desgastadas, precisariam de muito mais trabalho.

Curiosamente, os trabalhadores, unidos pela devastação do que já haviam feito, passaram a rejeitar os ratos e seus apoiadores. Mesmo os que haviam sido enganados pelos ratos e gostariam de voltar à construção passaram a ser vistos como aliados dos ratos.

Mas hoje, conforme o tempo foi passando, muitos desses apoiadores

juntaram-se aos outros trabalhadores na construção do castelo e passaram a repudiar as estratégias dos ratos.

Os reparos foram feitos, como possível, e a construção recomeçou. Hoje o castelo cresce lentamente, usando as mesmas técnicas tradicionais de esforço e suor.

Mas eles continuam por lá, os ratos, esperando sua próxima chance.

.....
Moral: Sempre vai haver ratos, prontos a destruir o que outros constroem.

Leia os capítulos anteriores em
www.jornalpimenteiro.weebly.com

Editorial

Mayra Guanaes

Eu acenderia um cigarro e ao ver a fumaça se dissipando, eu diria: "Foi bom pra você?". Pra gente foi bom. Comemoramos nesta edição 1 ano de existência d'O Pimenteiro. Neste momento em que eu escrevo este editorial, muitos clichês – além deste do foi bom pra você – aparecem em minha cabeça e o que eu gosto mais é daquele "Tudo que é bom dura pouco". Porque eu acho bonito. Eu acho que até combina com este último editorial d'O Pimenteiro.

Último porque esta é a nossa última edição (aaaaaaah). Explico: O Pimenteiro, gente, foi contemplado pelo tempo de um ano. Isto é, por um ano, o fundo de apoio da nossa Universidade imprimiria o nosso jornal. Visto que estamos fazendo aniversário, este é o nosso último jornal.

Então, meu primeiro agradecimento neste editorial é para a FAP. Porque a FAP escolhe projetos legais para apoiar e nós fomos um dos escolhidos em 2012. E depois de receber tantos "nãos" na vida, um "sim" é extremamente gratificante. Nós não teríamos conseguido fazer este jornal sem o apoio da FAP. (E do Rogers! Que sempre foi compreensivo conosco!).

Também gostaria de agradecer a todos os nossos colaboradores cujos nomes não poderei colocar aqui porque não temos espaço suficiente nesta seção (todos os nomes estão em nosso site e no expediente de cada edição). E claro, à Equipe fixa d'O Pimenteiro, por fazer do nosso sonho de ter um jornal uma realidade gostosa e divertida. Nós continuamos acreditando no trabalho coletivo.

Mais agradecimentos aos nossos leitores e leitores-críticos que muitas vezes nos apontaram coisas que podíamos melhorar. Espero que a gente tenha dado conta do recado!

Mais uma frase bonita para fechar, vai: "Toda história tem um fim, mas na vida todo fim é um começo." Na verdade, o que eu queria dizer mesmo é um "muito obrigada" a você que nos leu até aqui, que fez parte desta nossa história.

Para esta edição, pensamos muito nesse lance de construir uma história. Não sei se já mencionamos, mas somos estudantes de Letras da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos. No mês de junho, recebemos nossos novos colegas, os calouros. Já que estamos terminando aqui, para esta edição pensamos em matérias que contassem o começo de alguma história. Inclusive essa história de entrar para a universidade ou tornar alguma ideia realidade.

Agora chega de blá blá blá que nós queremos mostrar as coisas legais que trouxemos nesta edição para você. Sejam bem-vindos!

Língua Portuguesa

Fabiana Fanganiello

Curiosidade

Há certas expressões que as pessoas usam, até quando escrevem, que produzem um sentido que os estudiosos chamam de redundância. Antes de falarmos delas, precisamos pensar sobre o que leva um falante nativo do nosso português a produzir tais expressões. Arrisco dizer que, além de ser resultado da mais pura espontaneidade dos falantes, pode ser um elemento de reforço da ideia que a expressão veicula, como se o indivíduo quisesse enfatizar algo. Também me foi sugerido que, no emprego dessas expressões, a redundância ocorra porque o falante acha que o sentido resulte incompleto, caso não a empregue da forma como formulou.

Sem querer legislar ou controlar nada, é preciso dizer que o emprego dessas expressões em determinadas situações pode gerar certa inadequação de registro da língua, principalmente se o que se coloca é um ambiente em que o emprego do padrão formal é mais adequado. Elenco algumas dessas expressões abaixo e convido os leitores a pensar sobre elas (e também sobre seu uso na língua nossa de todo o dia).

Lá vai: metades iguais, encarar de frente, canja de galinha, exportou para fora, subir para cima, cabeça decapitada, general do exército, pequeno detalhe, monopólio exclusivo, conviver junto, há muito tempo atrás, bela caligrafia, hemorragia de sangue, infiltrar dentro, consenso geral....

Expediente

Direção:
T.A.C. Amaral

Edição:
Mayra Guanaes

Redação:
Lucas Araujo

Revisão e redação:
Fabiana Fanganiello

Ilustração:
Cassio Rocha

Diagramação:
T. A. C. Amaral

Colaboraram nesta edição:

Carlos Vieira
Gabriel Miranda
Gilberto Canuto
Giovanna Pelin
Henrique Gorni
Luma Oliveira
Marcos Paulo Silva
Mariane Nunes
Maryanna Herz
Veronica Wedgwood
Willian Prado

Colaboradores na distribuição:

Aline Bento
Denise Ferreira
Lorrane Campos
Luiz Carlos Barreto
Marcos Paulo Silva

O Jornal "O Pimenteiro" é uma publicação cultural voltada para a população do bairro dos Pimentas, Guarulhos.

As opiniões expressas nos artigos assinados não necessariamente refletem a visão do Jornal.

Todos os colaboradores participam voluntariamente de sua elaboração.

Tiragem desta edição:
1000 exemplares

Apoio:
FapUNIFESP - Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo



TMT
TRANSPORTES E LOCAÇÃO

Nem toda rádio é MUDA

Nos anos 80, ainda sob ditadura militar, era um crime contra a segurança nacional, inafiançável, passível de oito a vinte anos de prisão, possuir uma rádio não licenciada. Mas um pessoal da Unicamp, em 1986, não teve dúvidas – caiu um transmissor na mão, e montaram uma rádio.

Não era exatamente uma rádio. Não foi montada com esse intuito. Era mais uma experiência radiofônica que outra coisa. Mas estava lá, produzindo alguma coisa e enviando suas ondas.

Essa Rádio Livre passou a operar, a partir de 1991, dentro da sede do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Unicamp.

A Rádio ainda não operava o tempo todo – para driblar a censura, faziam programas curtos em horários variados, em dias variados, sem aviso e sem compromisso. A Rádio não sabia nem se havia alguém ouvindo – porque o importante mesmo era fazer, era externar o que tinham para dizer.

E então, em meados de 1992, a Rádio Livre conseguiu sede própria – um espaço embaixo da caixa d'água central da Unicamp – e aboletou sua antena no topo da torre, aumentando muito sua área de abrangência – e seus problemas com o governo.

A torre, bem no caminho para o bandeirão da Unicamp, começou a atrair a atenção das pessoas – afinal, o que estava acontecendo ali naquele espacinho, o que era toda aquela gente indo e voltando e entrando e levando coisas lá para dentro? Entre essas pessoas estava o jovem Paulão Sakae Tahira, que é quem nos contou essa história toda.

Logo havia muitos alunos do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) e da Física participando do projeto. Eles começaram a participar das reuniões

do projeto e foram, aos poucos, mudando a cara da Rádio. E, como não tinham interesses partidários nem queriam uma estrutura rígida de comando, aos poucos a Rádio foi tornando-se um projeto gerido por todos os participantes, de forma igualitária, o que foi criando atritos com o DCE.

Em 1995 a Rádio MUDA, após sérios problemas, decidiu

Mayra Guanaes e T. A. C. Amaral

decidido pelo coletivo da MUDA. De acordo com Paulão, houve programas evangélicos, programas de todo tipo de música, programas da extrema direita – sendo aberta, a MUDA aceitava a opinião e dava espaço de expressão a todos os grupos, desde que respeitassem as regras da própria MUDA.

A MUDA ajudou a definir o modelo de rádio livre no Brasil e é referência mundial. Evitando os caminhos mais simples, mas escolhendo trilhar a verdadeira independência, aquele pequeno projeto de mandar um som legal acabou crescendo e perdurando.

A MUDA tem muito a ensinar, sobre a vida e sobre liberdade. Sobre não se vender, sobre encarar a realidade, sobre respeito. Hoje,

numa era tão institucionalizada, tão dada a deixar outra pessoa resolver o problema, com tanto acesso a tudo e tão pouca vontade de fazer alguma coisa, projetos como a MUDA – desvinculados de instituições, abertos, democráticos – são um exemplo de coletividade com individualidade, fugindo ao individualismo e à apatia.

Paulão ficou na rádio Muda de 1992 até 2006. Na época em que descobriu a MUDA, morava com um amigo que já fazia programas lá e o convidou. Paulão levava os discos para as aulas e fazia os programas sempre que tinha um horário vazio na grade da rádio. Quando entrou na UNICAMP, nem pensava em trabalhar com música e reconhece que ser DJ e pesquisador musical tem tudo a ver com a MUDA, que foi fundamental em sua carreira e na sua projeção.



Foto: Bianca Morganti

separar-se de vez do DCE e perseguir a liberdade a que tanto almejava, colocando som no ar.

Ter uma rádio livre não era tarefa fácil – era necessário assegurar a liberdade da programação, mas ainda assim fazer valer as regras de convivência dentro da rádio. Coisas tão simples como não fumar dentro da rádio, por causa dos equipamentos, tornava-se uma disputa, afinal, se a rádio é “livre”, por que não fazer o que quiser?

Para se manter livre, a Rádio MUDA recusou vários convites de instituições e grupos, inclusive da própria universidade – “é o preço que se paga pela liberdade”, diz Paulão. A Rádio aceitava (e aceita) doações, mas nunca quando o doador tinha outros planos – isso comprometeria a integridade da Rádio que continua, até hoje, a tomar suas decisões em reuniões verdadeiramente abertas.

Assim, coletivamente, a Rádio organizava sua programação semestral. Quem ficaria, quem sairia, quem mudaria de programa, quem entraria – tudo era (e é)

Gente nova no pedaço

Para muitas pessoas o ano anterior foi marcado por uma verdadeira maratona de estudos. O sonho de ingressar numa faculdade pública fez com que muitos jovens aplicassem grande parte do tempo em escolas, cursinhos, simulados e

sigam histórias que expressam a satisfação por terem entrado na universidade. Para **Gilberto Canuto**, estudante do curso de Letras, conseguir passar no vestibular era um sonho antigo: "Sempre sonhei em estudar Língua Portuguesa. Desde os



Foto: Marcos Paulo

leituras de livros. Tanto esforço só poderia ser recompensado com a aprovação no vestibular. Na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, em Guarulhos, o resultado não poderia ser outro, mais de 700 alunos se matricularam e passaram a integrar o corpo estudantil da instituição em 2013.

Algumas das caras novas que circulam pelo campus trazem con-

sete anos, depois da escola, quando chegava em casa, pegava um monte de papéis e fazia a minha própria aula na sala de casa. Esse desejo foi nutrido por uma tia que se formou em Letras. Com a convivência que tivemos, senti que ser professor e estudar uma língua era o que eu mais queria para a minha vida, era o que eu queria como profissão", afirma.

A vontade de cursar Ciências Sociais fez Ludi buscar na UNIFESP

Marcos Paulo Silva

uma oportunidade para crescer. Até então morador da cidade de Ilhéus, no estado da Bahia, havia planejado mudar-se para São Paulo no começo do ano para estudar teatro. Com a chegada do período do vestibular, aproveitou mudança e tentou ingressar na universidade, o que acabou dando certo. "Escolhi sociais por vocação, por ter uma pré-disposição com os temas, assuntos e contextos que são abordados nos estudos de sociais. Escolhi a UNIFESP porque estava na lista do ENEM e por ser no estado de São Paulo, para o qual eu já tinha planos de me mudar."

Mudança de vida

Também estudante de Letras, **Mariane Nunes** enxergou com bons olhos a chance de estudar na UNIFESP. Apaixonada por literatura, Mariane havia escolhido o curso para poder trabalhar como redatora ou tradutora. Ela conta que, mesmo com o pouco tempo de convivência com os professores, já foi possível explorar outros horizontes do curso e agora também pretende lecionar. "Como não possuo condições financeiras, coloquei a UNIFESP como meta principal no vestibular. Gosto muito de escrever textos e poesias, isso é algo que me acalma. Na faculdade consegui desenvolver muito bem esse lado e sei que posso ajudar outras pessoas a escreverem também, principalmente as pessoas menos favorecidas."

Já para o aluno de História, Pedro Zumpano, além de passar no vestibular, outro desafio superado foi ter que deixar o lar e a família. Natural de Rio Claro, interior do estado de São Paulo, Pedro teve que se mudar para Guarulhos logo no começo das aulas. "No começo foi difícil acostumar com essa nova rotina. Cuidar da casa e ainda por cima ter que ficar longe da família e dos amigos é muito complicado. Foi uma escolha que fiz e quero muito terminar a faculdade!". Completa o estudante que mora em uma república próximo ao campus.

Marcos Paulo é uma pessoa que vale muito a pena conhecer. Jornalista, corinthiano e amante de heavy metal, passa o dia escrevendo e fotografando coisas estranhas (Por que conhecer um sujeito desses?). Tem 24 anos e se considera apto a pagar uma rodada de cerveja num boteco qualquer em troca de uma boa prosa (Tá aí a coisa boa!).

Passei na federal!

Gilberto Canuto

Sempre sonhei em estudar Língua Portuguesa. Desde os sete anos, depois da escola, quando eu chegava em casa, eu pegava um monte de papéis e fazia a minha aula na sala de casa. Esse desejo foi nutrido por uma tia que se formou em Letras, em 2002, e com a convivência que tivemos, senti que ser professor e estudar uma língua era o que eu mais queria para a minha vida, era o que eu queria como profissão.

Aos 13 comecei as aulas de espanhol e decidi que eu cursaria Letras (Português-Espanhol), aos 15, decidi que esse curso seria numa universidade pública.

Na escola, as aulas de língua portuguesa eram as minhas prediletas, desde criança, e, por sorte, as que tinham mais carga durante a semana. Era adorável! Passei por ortografia, conhecimentos básicos em linguística e a famosa literatura. Essas aulas eram as que eu mais gostava de ter.

Fiz o ENEM-2011, no entanto, pensei que eu não conseguiria passar na Unifesp.

Não deu outra! Em março de 2012 entrei num cursinho e fiquei pasmo quando vi que eu seria um dos poucos candidatos ao curso de Letras no vestibulares brasileiros. Passei na primeira chamada.

Letras (Português-Espanhol)! Me lembro que foi um dia à noite, eu havia acabado de chegar do trabalho e entrei no site do SiSu -não colocando muita fé, pois eu sabia que a concorrência seria muito alta- e, ao ver o resultado, não cri que o "Gilberto Canuto" que estava na lista era eu. Chamei minha mãe pra que ela conferisse se era eu mesmo, ela chamou minha irmã que chamou meus tios e alegria foi completa!

Eu me lembro que eu estava online no fb e a única coisa que me veio na cabeça foi "PASSEI NA UNIFESP!" (sim! Em caps lock!). Foi um post tão simples que obteve centenas de likes.

Depois, vieram as ligações, muitas pessoas me parabenizando, minha mãe chorando, e eu sem crer que eu havia passado numa universidade federal, no curso que eu sonhava desde os sete anos. Passei dias sonhando com as aulas, com o campus, com os professores, os amigos de classe... eu passava o dia pensando em como seriam esse cinco anos de graduação. Em 4 de janeiro fiz 19 anos e

em 19 de janeiro fui realizar a minha matrícula. Foi o melhor presente que eu recebi na minha vida! Toda a documentação necessária para realizá-la já estava organizada há dois dias. A sensação que eu tinha, ao ir à Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Pau-



lo, era que nunca chegava. Eu estava pra lá de ansioso! Finalmente, cheguei no Pimentas, eram quatro da tarde, fui recebido por uns veteranos, na porta do campus.

Eles me perguntaram se eu era "bixo" e eu nem acreditei que eu estava respondendo aquela pergunta. Eu respondi "sim" e eles me perguntaram se poderiam me pintar. Eu disse um "claro!" com toda a alegria do mundo. A festa foi completa. Subi as escadas da Unifesp todo sujo de guache e todos me dizendo "Bem-vindo! Você é bixo de qual curso?", eu respondia "sou de Letras!" (com um sorriso do tamanho do mundo). Eu não acreditava que aquele momento era meu! Entrei na sala para realizar a minha matrícula e tive medo de ter esquecido algum documento em casa, pela ansiedade. Deu tudo certo! Assinei aquele monte de papéis trazendo à memória todos os meus momentos em que eu pensava no curso de Letras. Sim! Me lembrei de quando escrevi meu nome, de quando li minha primeira frase, de quando eu passava por letreiros de estabelecimentos e perguntava a definição das palavras que eu não conhecia, de quando tive o meu primeiro exercício de interpretação de textos, de quando aprendi Trovadorismo, no fim da oitava série, de quando ouvi o termo "Preconceito Linguístico" pela primeira vez na minha vida, de quando eu conheci os multifacetamentos de Fernando Pessoa, de quando me chamavam de "humanóide" no cursinho... Por um tempo fiquei fora de mim, naquele mo-

mento de pura nostalgia. Quando tudo já estava assinado, saí da sala e fui para a sala do NAE. Lá me disseram sobre o projeto "Adote um bixo!". Tirei fotos, comemo-rei, era tanta alegria que eu nem cabia dentro de mim. Eu pensei que eu confundiria meu nome com "Bixo" (risos). No fb, entrei em todos os grupos da Unifesp (e claro, o de Letras foi o primeiro), então a Mayra me adicionou e nos conhecemos numa das minhas andanças pela Unifesp. Com toda a simpatia e receptividade aos bixos, a persigo com perguntas às vezes vertiginosas em relação ao curso. Ela diz que não tem problemas em responder-me. Bom... espero! Mais que antes da matrícula, estou super ansioso pelas aulas. Pude conhecer o professor Renato Rezende, de Linguística, e essa é área em que quero seguir a minha carreira acadêmica. Sem falar dos muitos veteranos que conheci através do facebook. Esse está sendo um momento mágico pra mim. Hoje, 19 de maio, não consigo conter a minha ansiedade em pensar no meu curso, nas aulas, naquele ambiente, em tudo! Viverei esse sonho em 3 de maio. Finalmente! Unifesp, aí vou eu!

Simbora, calourada!

Beto, 19 anos, gosta de feijoada, estuda Letras.

Mariane Nunes

"O velho Amor morava em uma casa de barro.

Erguida pelas mãos de jovem Labor Era uma casa simples, porém confortável.

Todo fim de tarde, beirando o sol se pôr

o velho Amor acendia um charuto fumava durante a leitura do jornal. Ele pensava que poderia voltar a viver entre os mortais, afinal eles estão perdidos e não sabem o que sentem.

Mas sempre se lembrava do quanto se sentia deslocado

Espalhado, em proporções desiguais

Então o velho Amor ficou cansado, comprou uma caixa de charutos e pediu demissão desse mundo bagunçado.

em que todos o evitavam

Enfim, ele encontrou a paz na solidão e nos sábios de coração"

Da força e as linhas inacabadas

Henrique Gorni

Há algum tempo que este homem inexpressivo não se sentava em seu estúdio para escrever. Sempre fora profundamente dedicado aos seus textos, mas tal interesse era, com frequência, instável.

Escrevia o começo de algum romance e, já no dia posterior, desistia, deixava que o sentimento de fracasso e frustração o dominasse. Mesmo assim, nunca jogou fora quaisquer dos manuscritos; deixava-os lá, jogados numa gaveta... mundos inacabados, cercados de abismos, e seres presos a uma existência abruptamente interrompida.



Sempre que voltava a escrever era dominado por uma obsessão, um desejo indomável de delinear em palavras aqueles universos inconcebíveis em nosso mundo de monotonias. Um alvo inalcançável, ele bem sabia, mas cercear estas vontades sempre acabava sendo um processo muito mais doloroso.

O ritual é repetido, como das vezes passadas: passos cadenciados até a parede oposta da sala, uma volta à esquerda e exatamente quinze passos, agora mais hesitantes, até o lado oposto, onde há uma grande janela de ferro escuro. O olhar se

perde, vago e nebuloso, ora olhando para cima, ora em direção à calçada, 18 andares e meio abaixo.

Passam-se horas e, ainda que o sol na janela já tenha passado de um branco-amarelado para um vermelho-fogo que toma todo o horizonte, ele continua a apoiar o queixo em mãos que estão sempre frias, ainda que os braços estejam dormentes; olhos que hesitam em piscar, ainda que estejam ressecados e queimando, pois o olhar da mente, ele sente, é uma janela que sempre se fecha com a mais leve das brisas.

Ele ainda não concluiu a primeira página. Escreve uma linha, para e recomeça a espera paciente pelas próximas palavras.

Enquanto isso, que tal uma espiada no que dizem aquelas poucas linhas, cuidadosamente pensadas e escritas?

Ventos mornos atravessam a janela, tentando furiosamente carregar a folha presa pelo braço do escritor. Eis o que está escrito:

“Há algum tempo que este homem inexpressivo não se sentava em seu estúdio para escrever. Sempre fora profundamente dedicado aos seus textos, mas tal interesse era, com frequência, instável.

“Escrevia o começo de algum romance e, já no dia posterior, desistia, deixava que o sentimento de fracasso e frustração o dominasse. Mesmo assim, nunca jogou fora quaisquer dos manuscritos; deixava-os lá, jogados numa gaveta... mundos inacabados, cercados de abismos, e seres presos a uma existência abruptamente interrompida.”

Os gestos daquele homem

imitam os meus próprios movimentos. Enquanto escrevo estas linhas, vejo-as se completarem pelas mãos deste homem naquela página. Vejo as linhas se repetirem por minhas próprias mãos. Quero parar. Quero desesperadamente parar, mas quanto mais tento, mais forte e inebriante se torna o desejo de continuar.

E então uma epifania, o choque de agora compreender o que isto significa. O terror, o terror em meio ao nirvana, a descoberta de que dependemos da existência um do outro. Temos que alimentar mutuamente nossas existências através das palavras.

“Você precisa continuar minha história!”, grito eu, mas nenhum som é emitido. Leio meus pensamentos ecoando nas palavras, como dois espelhos que se encontram. Mas ele já não obedece às minhas palavras, já não é comandado pelas linhas que escrevo.

Tento, desesperado, implorar pra que ele tire do pescoço esta força, improvisada com lençóis. Tento me agarrar ao saltar involuntariamente da janela de ferro, mas agora é tarde.

Sinto-me surreal, desprovido pouco a pouco de ações; minhas mãos ainda escrevendo no ar, porém traçando perfeitamente a caligrafia.

A noite já caiu lá fora; a força de lençóis continua esticada entre a janela e a coluna de concreto no meio do estúdio. Na lareira, aquela única página inacabada queima lentamente, parecendo resistir às chamas com a força de toda uma floresta. Um último suspiro das brasas e aqui se anulam as existências.

Henrique sempre quis ser escritor e outras coisas. cursou dois anos em Letras e se formou em Tecnologia de Informação.

PS: faz aniversário anualmente

O realejo

Gabriel Miranda

No fim da rua escura um som antiquado e frenético ressoava pelos becos das casas. Mas a rua permanecia completamente nua. Não havia uma viva alma; até mesmo o próprio vento negava sua presença. Somente o som químérico de um realejo pairava no ar. No meio do sereno surge um velho sujo e misterioso com o olhar cético como se levasse consigo a dor da humanidade de todas as eras. Carregava com sofreguidão o realejo cinza girando a manivela e iniciando aquele som

amaldiçoado que nadava na inércia da rua nua. Havia uma ave dentro do realejo, não tinha muitas penas, e sim muitas feridas. E seu bico não fechava por inteiro. A rua emanava morte e exalava um odor muito parecido com o das lápides...

Gira a manivela e toca-se a música.

*A ave colhe o bilhete impresso
E nele, em síntese, o seu destino!
O Realejo come vontades e aspira
Os desejos dos sonhadores.*

Coitados!

*Mal sabem eles que o homem torpe
E sem nome escreve bêbado*

O que para ele não tem sentido!

*E no papel que a jovem inocente
e bela e triste e travessa*

Ganhara estava escrito:

*“O Amor, meus caros, não tem
definição, tem pressa!”*

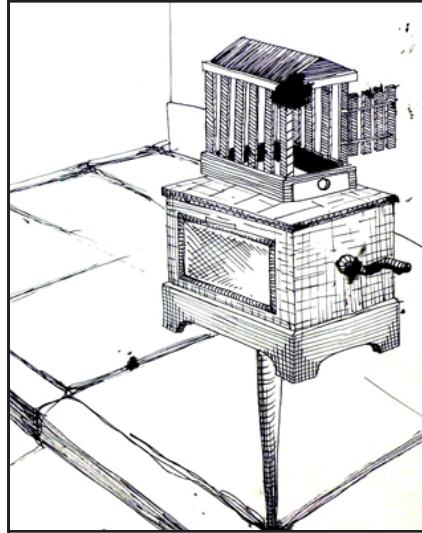
E ela sorriu como uma flor toda banhada de sol e pequenamente disse:

Meu senhor, o Amor não tem

pressa, e também não pode ser definido, pois é mister que a sua grandeza não possa ser medida pelo homem. Se isso um dia acontecesse o Amor acabaria. Tudo o que o homem pôde definir sucumbiu à sua descrença... O dia que a ciência descobrir o que é o Amor, ele deixará de existir. O mesmo aconteceria com Deus e todos os outros santos, anjos, orixás e suas divindades.

É o homem que tem pressa. Ele é uma locomotiva viva descarilhada em busca de um progresso que nem mesmo ele entende... Mas não falemos de metafísica! Apenas olha esta rua nua e fria enquanto eu me despeço, de qualquer forma obrigada pelo bilhete impresso...

E num súbito momento a menina se fundiu com a bruma e da mesma forma que amanhece o sol



Giovanna Pelin faz Artes Visuais, rabisca desde sempre, mas acha que nunca estará pronta. É viciada em glicose, nanquim e lirismos.

ela desapareceu...

E o velho bêbado sorriu uma interrogação e, dentre os soluços da bebedeira, balbulciou algo parecido com isso:

- "Uma criança que guarda em si o sentido da vida não faz muito sentido a um velho; mas depois dos setenta anos nada precisa fazer sentido..."

Ele soltou a ave que voou sem pensar em nada. Deixou cair o realejo, que se desmontou inteiro no chão. Foi andando até o fim rua nua e fria e deitou junto ao meio fio. Deu um trago forte no seu conhaque, tossiu, sorriu e, ao som de um realejo distante, morreu.

Gabriel Miranda, 25 anos, licenciado em Letras, leitor de Augusto dos Anjos e amante das literaturas moderna e contemporânea.

Poesia pra menina preta

Luma Oliveira

Disseram-me ontem, menina preta
Que tu não servias pra casar
Venderam tua imagem pros turistas
Dizendo que teus quadris só servem pra sambar

Ensinar-te, menina preta
Desde o berço,
A teus cabelos desprezar
Fazer progressiva, chapinha e teu afro alisar

Nunca tiveste, menina preta
Uma boneca da tua cor
Diziam que boneca loura era a única
Que merecia o teu amor

Fiz estes versos, menina preta
Para teu black libertar
Que da solidão desta cidade tu não sejas mais refém
Que os teus quadris dance quando tu quiseres
Não para agradar turista, carregando etiqueta de passista

A poesia pra menina preta,
Tem seu som, tua cor
Força e garra, te libertando das amarras
E mostrando o quão bela tu és
Não te envergonhe nunca da tua história

Saiba que nestes versos
Estão luta, liberdade e por ti muito amor
Voa, sonha, pisa no chão e realiza,
Faz dessas letras a tua caneta com tinta preta
Inspira-te nessas linhas tortas,
E escreve agora a tua própria história...

Continuum II

O coração irrompeu, a lágrima morreu, o sofrimento doeu.
O sofrimento morreu, o coração doeu, a lágrima irrompeu.
A lágrima doeu, o sofrimento irrompeu e o coração morreu.

Maryanna Herz, filha do outono, nascida num dia de agonia. Cantora lírica aposentada, escreve sobre os mistérios e angústias da vida. Atualmente cursando Letras - Francês na Unifesp.

Carta

Veronica Wedgwood

Querido Amigo,

Em conversas com Honoré, acerca dos amores que nos afligem a alma, eis que ele me diz: O céu e o inferno são dois grandes poemas que formulam os dois únicos pontos sobre os quais gira a nossa existência: a alegria e a dor.

O céu não seria sempre uma imagem do infinito dos nossos dissabores, que é pinta em suas minúcias, porque a felicidade é única? E o inferno não figura as infinitas torturas de nossas dores, as quais podem fazer-se de poesia porque são todas dessemelhantes?

Deixo-vos pensar a cerca dessas palavras,

Com amor,

VWedgwood

Veronica Wedgwood - Letras, Universidade Federal de São Paulo

Espera

Carlos Vieira

Guarde as flores entre as letras de Sophia e de Florbela
Pois, quando eu regressar não existirá vivacidade em suas pétalas
Mas encontrei os vestígios desta primavera

Carlos nasceu em São Paulo. É graduando em Letras pela Unifesp. Lê muito, escreve razoavelmente e desde 2010 mantém um blog, no qual publica seus devaneios.

Sabe o que tem na página do Pimenteiro?

TODAS as formas breves que recebemos! Olha lá!

www.jornalpimenteiro.weebly.com

De federal para federal

Em visita à cidade de Salvador, na Bahia, nosso redator Lucas Araujo aproveitou para conhecer o campus de Ondina da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Acompanhe essa viagem!



Meu destino: Salvador. Belas praias, gente bonita, um sotaque maravilhoso. Porém, além dessas belezas, a capital do estado abriga uma universidade federal, em que talentos nascem nas mais diversas áreas.

Abriando cerca de 100 opções de cursos, a Universidade Federal da Bahia foi criada em fevereiro de 1808 quando o Príncipe Regente Dom João VI instituiu a Escola de Cirurgia da Bahia (primeiro curso universitário do Brasil). A

UFBA é composta por 5 campi, sendo três em Salvador, um em Vitória da Conquista e outro em Barreiras.

Encontros

Mayra Guanaes

No segundo semestre de 2012, parte da equipe d'O Pimenteiro apresentou o jornal e dividiu a experiência de como é editar um com alunos de 5º ano da E.E Coryntho Balduino Costa Junior, de Guarulhos.

Como resultado do encontro, os alunos, divididos em funções (como no Pimenteiro), criaram uma "edição" coletiva de seu próprio jornal. Cada um escreveu uma matéria, e juntos fizeram escolhas sobre a edição: título, onde colocar cada matéria, o expediente e como mostrar o resultado aos outros colegas da escola.

A equipe ajudou na montagem e ficou muito feliz com a oportunidade de dividir a experiência com os alunos e poder ouvir o retorno deles a respeito das edições d'O Pimenteiro que ganharam.

No campus de Ondina-Salvador tive a chance de conhecer o Instituto de Letras e a Facom (Faculdade de Comunicação). Conversei com alguns professores e funcionários, visitei as instalações e aproveitei para distribuir alguns exemplares da quarta edição do Pimenteiro. Descobri que o pessoal da comuni-

cação também possui um jornal, o "Jornal da FACOM", voltado para os acontecimentos do campus e da cidade.



Foto: Lucas Seixas

A graduação em Letras, por sua vez, teve início em 1946, entretanto o Instituto foi criado apenas em 1968, após o curso ser desmembrado da Faculdade de Filosofia. Dividido em Letras Vernáculas, Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna, Língua Estrangeira Moderna ou Clássica e Língua Estrangeira (Inglês/Espanhol), o departamento da UFBA conta com mais de 40 professores.

Conhecer uma universidade federal em outro estado que não São Paulo me abriu novos horizontes. Tive vontade de assistir às aulas, acompanhar a rotina dos estudantes da Bahia, discutir assuntos da área e ler novos textos. A oportunidade gratificante de levar o Pimenteiro proporcionou uma troca de experiências e realidades. Foi uma sensação única!

Filme: Antes da Meia-Noite

Willian Prado



Terceiro filme do diretor Richard Linklater, novamente sobre a história do casal Jesse e Celine, agora casados e com filhos, tem abordagem diferente dos filmes anteriores.

Neste filme, Jesse e Celine nos apresentam uma nova forma de ver sua história - o amor depois de casados, seus problemas, os amigos, a inveja do amor que tinham espelhado no amor de casais mais jovens, e seus próprios defeitos.

O filme mais humano e mais

realista da série, *Antes da meia-noite* traz uma história de um romance realista, um romance possível que pode ser vivido por qualquer um dos espectadores do cinema.

Contando novamente com a forte e expressiva atuação de Julie Delpy e Ethan Hawke e os impressionantes diálogos que, apesar de em muitas cenas serem apenas conversas do casal em ruas da Grécia, não levam o público à monotonia, pois são diálogos fortes e sinceros sobre uma relação entre o tempo e o amor.

Willian Prado é um fotógrafo amante do cinema, com alguns vídeos mais autorais e trabalhos que utilizam a pintura e a fotografia em um ambiente mais urbano e do cotidiano, como tema o personagem Flâneur.

Fotojornalista e escritor de roteiros

A equipe d'O Pimenteiro agradece a seus leitores!



Foto: Janderson Lemos

Gostou dessa edição?
Confira as outras no
nosso site, coloridas!

jornalpimenteiro.weebly.com
facebook.com/jornalpimenteiro

Fim